

Seção: Teoria e Práticas Pedagógicas | Relato de experiência | DOI:  
10.35700/eja.2021.ano10n18.p10-25.3298

# A educação de jovens e adultos na modalidade técnica integrada ao ensino médio (PROEJA) em Meio Ambiente: conquistas e desafios em aprendizagens significativas

Youth and adults education in the technical modality integrated to high school (PROEJA) in environment: achievements and challenges in meaningful learning

La educación de jóvenes y adultos en la modalidad técnica integrada a la secundaria (PROEJA) en medio ambiente: logros y desafíos en el aprendizaje significativo

**João Carlos de Oliveira**

*Doutor em Geografia – Universidade Federal de Uberlândia*

*Escola Técnica de Saúde – Universidade Federal de Uberlândia*

*Professor do Mestrado Profissional em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador*

*Membro do Núcleo de Estudos Afro Brasileiros (NEAB/UFU)*

*Membro da Diretoria de Estudos e Pesquisas Afro-Brasileiras (DIEPAFRO/UFU)*

*E-mail: oliveirajotaestes@ufu.br*

*Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0570-128Xx>*

**Nubia Aparecida Martins Soares**

*Especialização em Língua Portuguesa, Redação e Oratória*

*Professora de Língua Portuguesa na Escola Estadual de Uberlândia (EEU/MUSEU)*

*E-mail: nubiaamartins@yahoo.com.br*

*Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5917-844X>*

## RESUMO

Este trabalho trata de práticas educativas significativas com estudantes do Ensino Médio do Curso Técnico em Meio Ambiente da Escola Técnica de Saúde (ESTES) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) que estudam na Escola Estadual de Uberlândia – MG, na modalidade Educação Profissional Integrada à

Educação Básica – Educação de Jovens e Adultos (PROEJA – Meio Ambiente). O objetivo desta pesquisa é apresentar as nossas experiências sobre as conquistas e desafios em aprendizagens significativas com os estudantes. A metodologia utilizada está baseada no Modelo Andragógico. Durante as diversas atividades, ficou evidente que os procedimentos de ensino-aprendizagem, dependendo de quem está com os estudantes, aprisionam, adestram e/ou libertam dentro ou fora das escolas. As conquistas e os desafios são sobre o que, por que e como se ensina, o que se deveria ensinar e o que precisa ser ensinado sobre questões ambientais. Conclui-se que não se pode ignorar o caráter ideológico dos conteúdos, o grau de dificuldades de aprendizagens, que podem ser ressignificados por meio do Modelo Andragógico.

**Palavras-chave:** EJA/PROEJA. Questões Ambientais. Práticas Educativas.

### ABSTRACT

This work deals with meaningful educational practices with high school students from the Technical Course in Environment who study at the State School of Uberlândia – MG (ESTES/UFU), in the Professional Education Integrated to Basic Education modality - Youth and Adults Education modality (PROEJA – Environment). The objective of this research is to present our experiences on the achievements and challenges in meaningful learning with students. The methodology used is based on the Andragogical Model. During the various activities it was evident that the teaching-learning procedures could imprison, train and / or release the students inside or outside the school depending on who was with them. Achievements and challenges are about what, why and how one teaches, what one should teach and what needs to be taught about environmental issues. We conclude that the ideological character of the contents and the degree of learning difficulties cannot be ignored, all of which can be re-signified through the Andragogical Model.

**Keywords:** EJA/PROEJA; Environmental issues; Educational Practices.

### RESUMEN

Este trabajo trata de las prácticas educativas significativas con estudiantes del Curso Técnico en Medio Ambiente (ESTES/UFU) que estudian en la Escuela Estatal de Uberlândia - MG, en la modalidad Educación Profesional Integrada a la Educación Básica - Educación para Jóvenes y Adultos (PROEJA – Medio Ambiente). El objetivo de este trabajo es presentar nuestras experiencias sobre los logros y retos en el aprendizaje significativo con los alumnos. La metodología utilizada se basa en el Modelo Andragógico. Durante las diversas actividades quedó evidente que los procedimientos de enseñanza-aprendizaje, dependiendo de quién esté con los alumnos, los aprisiona, los forma y/o los libera dentro o fuera de las escuelas. Los logros y los retos se refieren a qué, por qué y cómo se enseña, qué debe enseñarse y qué hay que enseñar sobre temas medioambientales. No podemos ignorar el carácter ideológico de los contenidos, el grado de dificultad de aprendizaje, que puede ser ressignificado a través del Modelo Andragógico.

**Palabras clave:** EJA/PROEJA; Cuestiones medioambientales; Prácticas educativas.

## 1 OLHANDO NO RETROVISOR: UNS PASSOS ATRÁS E OUTROS A FRENTE

É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática (FREIRE, 2003, p. 61).

Nos últimos anos, as condições dos processos de ensino-aprendizagens dos estudantes têm melhorado de forma contínua e sistemática, mas não para todos, em função de vários fatores, maior acesso aos espaços (bancos) escolares, associados aos avanços de metodologias; dos recursos pedagógicos, educativos, técnicos e/ou tecnológicos.

Normalmente, para quem frequenta os bancos escolares, novos saberes estão disponíveis, enquanto aprendizagens, em que Fernández (2001a, p. 34) salienta que:

Em toda aprendizagem, põe-se em jogo certa cota de temor, o qual nem sempre deve estar associado ao medo de mudança, mas aceito como próprio do encontro com a responsabilidade que a autoria supõe. O desafio com o encontro do novo e com o fazer-se responsável por tê-lo procurado é inerente à aprendizagem. Quando o outro dirige meu andar não me perguntará porque escolhi esse caminho. Se escolho e até construo meu próprio caminho ao andar, necessitarei explicar e explicar-me o porquê.

No entanto, ir para a escola não assegura/garante, necessariamente, saberes suficientes para protagonizar autoria e autonomia do pensamento. Isso porque, para Fernández (2001a, p. 92), “a autoria de pensar supõe e produz um sujeito inquieto”, que muitas vezes as Escolas impedem (anulam) a inquietude dos estudantes, por motivos óbvios; de um lado, a Escola, junto com outras Instituições – Igreja, Família, Estado, representam o Aparelho Ideológico do Estado (AIE); do outro, institucionalizam o medo (proibições) nos estudantes e estes fogem das Escolas, mas num determinado ano voltam.

Uma das formas de ampliar as inquietudes se dá a partir do contexto da “comunicação e produção de conhecimento”, aqui pensado na perspectiva da “Educomunicação”, que, de acordo com Nogueira; Tonus (2010), foi um termo empregado pela primeira vez pelo filósofo da educação Mario Kaplun para referir-se à convergência entre as áreas de Comunicação e Educação. Para Nogueira; Tonus (2010, p. 2),

As atividades de educomunicação têm grande potencial na aprendizagem dos alunos e fortalecer a realização de tais atividades é uma contribuição para a sociedade, à medida que pode facilitar a preparação de crianças e jovens para os desafios ambientais que terão de enfrentar na vida adulta

Ainda de acordo com Nogueira; Tonus (2010, p. 5-6),

A antiga concepção de educação, baseada na transferência dos saberes aos alunos, encarando-os como receptores passivos, constitui um obstáculo para o educador que quiser usar a educomunicação, já que sua tarefa é a de problematizar aos educandos o conteúdo que os mediatiza, e não a de dissertar sobre ele, de dá-lo, de

estendê-lo, de entregá-lo, como se tratasse de algo já feito, elaborado, acabado, terminado.

Estes contextos passaram a ser foco de diversos estudos e pesquisas em relação aos processos de ensino aprendizagem para determinados grupos sociais que vivem em condições de vulnerabilidades socioambientais, em função das determinações e iniquidades sociais, impossibilitando a construção de aprendizagens significativas dentro e fora das escolas. Diante destas condições, de acordo com Stutz (2009, p. 4-5),

A história da ESTES é marcada por mudanças políticas, sociais no contexto regional do Triângulo Mineiro. Mas em 1973, no final do período conhecido como “Milagre Econômico”, Uberlândia já tinha inaugurado três anos antes, o Hospital das Clínicas de Uberlândia (HCU), importante marco para a saúde da região. Foi neste contexto e visando suprir a necessidade de profissionais para o hospital (HCU), que médicos ligados à Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia, hoje Faculdade de Medicina da UFU, criaram a Escola Auxiliar de Enfermagem, posteriormente Escola Técnica de Enfermagem Carlos Chagas (ETECC), cujo nome homenageava o médico sanitário brasileiro que descreveu pela primeira vez a Doença de Chagas, desde seu agente biológico até os sintomas manifestados nos pacientes. Em 1981, a escola passa a fazer parte da UFU. Na década de 1980, se consolidou como centro formador na área da saúde, ganhando cursos técnicos relacionados à Odontologia. Apenas em 1991 passou a ser denominada Escola Técnica de Saúde da UFU.

Os cursos ofertados na ESTES/UFU<sup>1</sup> são sete, sendo que seis deles são na Modalidade Pós-Médio (*Análises Clínicas* – noturno; *Controle Ambiental* – noturno; *Enfermagem Integral*; *Prótese* – noturno; *Saúde Bucal* – noturno; e *Segurança do Trabalho* – vespertino e noturno); e um deles, o Curso Técnico em *Meio Ambiente* – noturno, na Modalidade Ensino Médio Integrado à Educação Profissional da Educação de Jovens e Adultos (PROEJA). Trata-se, este último, do único em Minas Gerais desde 2011, por meio de convênio da UFU com a Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais (SEE/MG), coordenado pela ESTES, em parceria com a Escola Estadual de Uberlândia (carinhosamente chamado de “MUSEU”, em função de ser uma das escolas e uma das edificações mais antigas de Uberlândia-MG).

Os Componentes Curriculares do Ensino Médio são ofertados pela SEE, enquanto a ESTES oferece os Componentes Técnicos. O curso é realizado nas dependências do “MUSEU”, mas também em diferentes lugares e situações pertinentes à formação dos estudantes e dos professores (estudo de meio, trabalho de campo, visitas técnicas, atividades culturais).

O Curso Técnico em Meio Ambiente (PROEJA), de acordo com Brasil (2004, np), atende aos

Decretos Presidenciais 5.154/2004, Decreto 2.208/1997, Decreto Nº 5.840, de 13 de julho de 2006 (que revogou o Decreto Nº 5.478, de 24 de Junho de 2005), do Ministério da Educação, no Art. 1º., fica instituído, no âmbito dos Centros Federais de Educação Tecnológica, Escolas Técnicas Federais, Escolas Agrotécnicas Federais e Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais, o Programa de Integração da

<sup>1</sup> Para maiores informações sobre os Cursos Técnicos da Escola Técnica de Saúde, acessar o seguinte endereço eletrônico: <<http://www.estes.ufu.br/>>.

Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, conforme as diretrizes estabelecidas neste Decreto, que o PROEJA abrangerá os seguintes cursos e programas: I - formação inicial e continuada de trabalhadores; e II - educação profissional técnica de nível médio.

O curso tem uma duração de três anos, apresentando uma carga horária total de 2.550 horas, com aulas presenciais na Escola Estadual de Uberlândia – MUSEU, de segunda a sexta-feira, no período noturno das 18h15min às 22h35min, mas, em alguns momentos do ano letivo, os estudantes são convidados a participar de eventos científicos e acadêmicos, culturais na Universidade Federal de Uberlândia.

Após inúmeras discussões sobre os processos de “inclusões”, ou seja, a forma de ingresso no curso foi definida por meio das inscrições, com 40 vagas e lista de espera. A média de permanência dos estudantes até o final de cada ano está em torno de 80%. Ainda não foi feita uma pesquisa oficial em relação à raça cor/etnia dos discentes, não sendo solicitado, seja no ato das matrículas cada estudante, seja noutras modalidades das suas opções preferidas. Mas, em convivências com as turmas, percebe-se que há uma predominância de, aproximadamente, 90% para a raça cor parda/negra. Já em relação à faixa etária, está entre os 20 aos 50 anos, quanto ao gênero predomina 80% feminino e 20% masculino, também com representações de LGBTQI+.

A distribuição das aulas ao longo da semana foi e está pensada numa forma em que, na medida do possível, na maioria dos dias da semana, os Componentes Curriculares do Ensino Médio estejam misturados com os Técnicos, como forma de “não priorizar” este ou aquele componente.

Apesar de ser um curso em parceria com a Universidade Federal de Uberlândia, não ocorre um processo seletivo dos estudantes, pois a Secretaria Estadual de Educação foi contra tal processo. Já a Universidade, nos princípios da formalização das parcerias, no início insistia em ter processo seletivo nos formatos de “concursos”, e, apesar dos conflitos legais, essa questão foi resolvida, de tal forma que a parceria já completou mais de dez anos.

Para se matricular neste Curso, os estudantes precisam ter acima de 18 anos, ter concluído o Ensino Fundamental II, protocolar as suas documentações pessoais e frequentar as aulas. São trabalhadores-estudantes, que não concluíram a sua escolarização na idade certa, por diversos motivos que interferiram ou determinaram a ausência temporária nos espaços escolares.

Quando retornam aos estudos, alguns estudantes apresentam enormes dificuldades de acompanhar os ritmos de aprendizagens, em especial em algumas áreas do conhecimento, por exemplo, da Língua Portuguesa e Ciências da Natureza (Biologia e Química) e Matemática, mas também com dificuldades noutras áreas do conhecimento, exatamente da importância que se dá ao “raciocínio lógico-matemático”, fato que, muitas vezes, ocasiona novamente novas saídas das suas escolarização, desmotivando-os a continuar, mas, quando voltam, percebem-se as continuidades das enormes dificuldades de entenderem os contextos escolares.

Os estudantes/profissionais estão sendo formados/capacitados por meio de aulas teóricas e práticas, tanto em sala de aula, ou em laboratórios (estudos de meios, trabalhos de campos, visitas técnicas), em diferentes realidades, desde as escalas mais locais, até o âmbito nacional.

Em consideração a toda contextualização apresentada, este trabalho é fruto da análise da proposta entre a Universidade Federal de Uberlândia, bem como da Secretaria Estadual de Educação no âmbito estrutural no que diz respeito à valorização dos estudantes dentro e fora das salas de aulas.

Reconhecemos que as nossas trajetórias, enquanto fazeres com o PROEJA, não apresentam soluções diante dos cenários da/na escolarização e profissionalização, nem temos respostas prontas para as inúmeras inquietações que surgiram (e ainda permanecem) ao longo do processo, sejam pelas “integrações” curriculares, bem como no cotidiano e convivências entre e com as pessoas, mas, em nossas experiências e vivências, reconhecemos a importância da parceria, com desafios ainda a vencer e conquistas alcançadas quando uma aprendizagem se torna significativa.

Sempre propomos ações mais proativas e efetivas junto ao Curso – quiçá aos demais Cursos da/na ESTES/UFU –, enquanto nossas práxis, mesmo com conquistas e desafios, por isso comungamos com o que disse Fernández (2001b, p. 35): “intervir (vir entre). Interferir (ferir entre), ‘ferir’, herir em castelhano antigo e em português. Mesmo que, às vezes, necessitamos interferir, tenderemos a que nossa intervenção seja da ordem de uma ‘inter-versão’ (incluir outra versão), sem anular as outras possibilidades”.

Como ponto de partida, sempre pensando nas ideias de “nossa intervenção”, iniciamos as aulas com apresentações (escritas/falas), levando em consideração (nome, idade, religião, onde mora/reside, o que faz, o que gosta de fazer, como ficou sabendo do curso e por que veio fazer o curso), com diferentes reflexões das falas e escritas, lembrando que são estudantes de EJA/PROEJA e que apresentam algumas limitações nas oralidades e escritas.

Posteriormente, há algumas reflexões com os estudantes em relação ao termo “disciplina”. Partimos de sua etimologia latina e das análises para mostrar os dispositivos que regulam a produção do saber, as relações de poder e a constituição das subjetividades nas instituições modernas, entre elas e a escola. A escola, muitas vezes, reflete uma sociedade na qual a disciplina constitui o eixo na formação do indivíduo, muitas vezes segregador e ou excludente. Uma (total) mudança exige outro modelo de pensar uma (ou numa) educação não-disciplinar, num contexto atual caracterizado pela transição – senão transgressão – das sociedades disciplinares às sociedades pelo empoderamento e/ou emancipação dos sujeitos.

Para tal, este texto propõe expor e dialogar sobre algumas experiências e vivências sobre leituras e/ou escritas sobre as questões ambientais, enquanto conquistas e desafios em ensino-aprendizagens, já ou não estabelecidas no contexto da formação profissional.

## 2 OLHANDO PARA O HOJE: UM POUCO DAS CAMINHADAS

Sempre partimos do que disse Minayo (1994, p. 18): “Toda investigação se inicia por um problema, com uma questão, com uma dúvida ou com uma pergunta, articuladas a conhecimentos anteriores, mas que também podemos buscar novos referenciais.” Ademais, para Minayo (1994, p. 15), “a realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda riqueza de significados dela transbordante. Essa mesma realidade é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela.”

Em consideração a isso, as apresentações e realizações das atividades com os estudantes, sempre existiram sugestões e propostas de que os próprios educandos encontrassem algumas soluções para as questões ambientais sugeridas e discutidas, possibilitando, na medida do possível, que encontrassem significados de aprendizagens, permitindo descobrir outras perspectivas e possibilidades sobre a prática profissional, dentro e fora da sala de aula, no sentido de reconhecer autorias no processo de aprendizagens significativas.

### 3 OLHANDO O HOJE E O HORIZONTE: UM POUCO DOS ACONTECIMENTOS E UM PASSO MAIS ADIANTE

Concordamos e ampliamos a ideia de que é preciso ter uma maior conexão entre os conteúdos dos Componentes Curriculares (algumas vezes denominados por “disciplinas”), que preferimos a denominação anterior, em particular, não só, sobre as questões ambientais.

Dessa forma, partimos do que a legislação brasileira, em especial na Lei 9795/1999, que trata da Política Nacional de Educação Ambiental, com destaques para os Artigos 4º e 8º, os quais abordam o seguinte:

**Art. 4º** - São princípios básicos da educação ambiental: I – o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo; II – a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o socioeconômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade; III – o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade; IV – a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais; V – a garantia de continuidade e permanência do processo educativo; VI – a permanente avaliação crítica do processo educativo; VII – a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais; VIII – reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural. E o **Art. 8º** – As atividades vinculadas à Política Nacional de Educação Ambiental devem ser desenvolvidas na educação em geral e na educação escolar, por meio das seguintes linhas de atuação inter-relacionadas: I – capacitação de recursos humanos; II – desenvolvimento de estudos, pesquisas e experimentações; III - produção e divulgação de material educativo; IV – acompanhamento e avaliação. (BRASIL, 1999, np).

Estas proposições, sobre a Política Nacional de Educação Ambiental, devem-se aos destaques no inciso “[...] III – o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade [...]”, que apoiamos, levando em consideração à categoria “rizoma”, proposta por Gallo (1999), como princípio regulador das relações de poder-saber, numa educação não-disciplinar, com possibilidades de “[...] II – desenvolvimento de estudos, pesquisas e experimentações; III - produção e divulgação de material educativo [...]”.

Gallo (1999) propôs ideias interessantes para se pensar uma educação transversal, não-disciplinar, a partir da categoria de “rizoma”, cunhada por Deleuze e Guattari, no conjunto de obras “Mil Platôs” (1995). Nesse sentido, para Gallo (1999) a transversalidade aparece nessa proposta como princípio regulador do poder-saber. No caso do poder, afirma relações coletivas e não hierárquicas.

Em relação ao saber, é a matriz de um paradigma rizomático, sem hierarquias, com fluxos contínuos e múltiplos.

Nesse paradigma, Gallo (1999) apresenta seis princípios: 1) *conexão* (qualquer ponto do rizoma pode estar conectado com qualquer outro); 2) *heterogeneidade* (as conexões são sempre “outras”); 3) *multiplicidade* (o rizoma é irredutivelmente múltiplo; não pode ser reduzido a uma unidade); 4) *ruptura a-significante* (o rizoma é um *território* sempre sujeito a linhas de fuga, é uma cartografia a ser sempre traçada, toda vez); 5) *cartografia* (um rizoma pode ser acessado de infinitos pontos e remeter a vários outros no seu interior); 6) *decalcomania* (a novidade não é decalcar o mapa, mas colocar o mapa sobre suas cópias, possibilitando construir novos territórios).

Por isso, concordamos com o que assevera Brügger (1994, p. 78):

O primeiro aspecto que gostaria de destacar é que a “educação ambiental” é encarada na maioria das vezes como dimensão ou modalidade de educação, princípio do qual não compartilho em absoluto. [...], o surgimento de uma educação ambiental pressupõe o reconhecimento de que a educação tradicional não tem sido ambiental. Conseqüentemente, o “ambiental” deveria ser parte intrínseca da educação como um todo e não modalidade ou uma de suas dimensões, pois nessa visão reaparece a reificação da questão ambiental e conseqüentemente da própria educação. A compartimentalização do “ambiental” ou, a inserção de uma dimensão ambiental, levam o meio ambiente a uma perspectiva instrumental e o elenco de “problemas ambientais” se reduz à poluição, escassez de recursos naturais, diminuição da biodiversidade etc. A educação ambiental vista desta forma não ultrapassa as fronteiras da velha educação conservacionista e não faz jus, portanto ao adjetivo a que se propõe.

Assim, ao tratar das e sobre as questões ambientais, é preciso tomar muito cuidado com o uso de palavras para as pessoas, isto porque, para Brügger (1994, p. 78-79),

As palavras são muito mais do que mera forma de expressão e essa é sem dúvida um aspecto de suma importância que não pode passar despercebido. A escolha de determinadas palavras e a exclusão de outras nos remete à própria essência do pensamento que originou o discurso, pois as palavras são “prisoneiras” deste pensamento.

Dessa forma, é o que sempre temos evitado no uso de determinadas palavras. Perseguimos a ideia das leituras e/ou das escritas ambientais, na tentativa de romper com aquelas, mais comuns, que consolidam um modelo de aprendizagem “aprisionada”, pois, de acordo com as reflexões de Fernández (2001a,b, p. 105) “A autoria de pensamento supõe diferenciação, agressividade saudável, ‘revolta íntima’, a partir da qual há a possibilidade de reencontro com o outro. Acesso a nós mesmos.”

Como procedimento metodológico comungamos com os princípios da Andragogia, que de acordo com (Martins, 2013, p. 143-153), são eles:

1. Necessidade de saber: adultos carecem saber por que precisam aprender algo e qual o ganho que terão no processo.
2. Autoconceito do aprendiz: adultos são responsáveis por suas decisões e por suas vidas, portanto querem ser vistos e tratados, pelos outros, como capazes de se autodirigir.
3. Papel das experiências: para o adulto, suas experiências são a base de seu aprendizado. As técnicas que



aproveitam essa amplitude de diferenças individuais serão mais eficazes. 4. Prontidão para aprender: o adulto fica disposto a aprender quando a ocasião exige algum tipo de aprendizagem relacionado a situações reais de seu dia a dia. 5. Orientação para aprendizagem: o adulto aprende melhor quando os conceitos apresentados estão contextualizados para alguma aplicação e utilidade.

Na “consolidação” dos princípios, em sala de aula, realizamos as leituras, de forma silenciosa, de alguns textos. Um deles consiste na letra da música “A Caneta e a Enxada<sup>2</sup>”:

### **A CANETA E A ENXADA**

Composição: Capitão Barduíno e Teddy Vieira)

Interpretação: Zico e Zeca

Certa vez uma caneta foi passeá lá no sertão.  
Encontrou-se com uma enxada, fazendo a prantação.  
A enxada muito humirde, foi logo fazer uma saudação.  
Mas a caneta soberba não quis pegar sua mão.  
E ainda por desaforo lhe passou uma repreensão.  
Disse a caneta pra enxada, não vem perto de mim, não.  
Você está suja de terra, de terra suja do chão  
Sabe com quem tá falando, veja sua posição.  
E não esqueça a distância da nossa separação.  
Eu sou a caneta dourada (soberba) que escreve nos tabelião  
Eu escrevo pros governos as leis da constituição  
Escrevi em papel de linho, pros ricaços e pros barão.  
Só ando na mão dos mestres, dos homens de posição.  
E a enxada respondeu: que de fato eu vivo no chão,  
Pra poder dar o que comer e vestir o seu patrão  
Eu vim no mundo primeiro quase no tempo de adão  
Se não fosse o meu sustento ninguém tinha instrução.  
Vai-te caneta orgulhosa, vergonha da geração  
E a tua alta nobreza não passa de pretensão.  
Você diz que escreve tudo, tem uma coisa que não:  
É a palavra bonita que se chama.... educação!”.

Num segundo momento, trabalhamos com o texto “Carta do Zé Agricultor<sup>3</sup>”.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://letras.mus.br/zico-e-zeca/235558/>. Acesso: 10 mar. 2011.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://noticias.ambientebrasil.com.br/exclusivas/2008/11/18/41996-carta-do-ze-agricultor-para-luis-da-cidade.html>. Acesso: 10 março de 2011.

**Carta do Zé agricultor (Por Luciano Pizzato<sup>4</sup>)**

Luís,

Quanto tempo. Sou o Zé, seu colega de ginásio, que chegava sempre atrasado, pois a Kombi que eu pegava no ponto perto do sítio atrasava um pouco. Lembra, né? O Zé do sapato sujo. A professora nunca entendeu que eu tinha de caminhar 4 km até o ponto da Kombi, na ida e na volta, e o sapato sujava.

Lembra? Se não, sou o Zé com sono... hehe. A Kombi parava às onze da noite no ponto de volta, e com a caminhada, eu ia dormir lá pela uma, e o pai precisava de ajuda para ordenhar as vacas às 5h30, toda manhã. Dava um sono. Agora lembra, né, Luís?

Pois é. Tô pensando em mudar aí com você.

Não que seja ruim o sítio, aqui é uma maravilha. Muito mato, passarinho, ar bom. Só que acho que tô estragando a vida de você, Luís, e de teus amigos aí na cidade. Tô vendo todo mundo falar que nós, da agricultura, estamos destruindo o meio ambiente.

Veja só. O sítio do pai, que agora é meu (não te contei, ele morreu e tive que parar de estudar) fica só a meia hora aí da Capital, e, depois dos 4 km a pé, só 10 minutos da sede do município. Mas, continuo sem luz porque os postes não podem passar por uma tal de APPA que criaram aqui. A água vem do poço, uma maravilha, mas um homem veio e falou que tenho que fazer uma outorga e pagar uma taxa de uso, porque a água vai acabar. Se falou, deve ser verdade.

Pra ajudar com as 12 vacas de leite (o pai foi, né ...), contratei o Juca, filho do vizinho, carteira assinada, salário mínimo, morava no fundo de casa, comia com a gente, tudo de bão. Mas, também veio outro homem aqui, e falou que se o Juca fosse ordenhar as 5:30 tinha que receber mais, e não podia trabalhar sábado e domingo (mas, as vacas não param de fazer leite no fim de semana). Também visitou a casinha dele, e disse que o beliche tava 2 cm menor do que devia, e a lâmpada (tenho gerador, não te contei !) que estava em cima do fogão era do tipo que se esquentasse podia explodir (não entendi... ?). A comida que nós fazíamos juntos, tinha que fazer parte do salário dele. Bom, Luís, tive que pedir pro Juca voltar pra casa, desempregado, mas protegido agora pelo tal homem. Só que acho que não deu certo, soube que foi preso na cidade roubando comida. Do tal homem que veio proteger ele, não sei se tava junto.

Na Capital também é assim, né, Luís? Tua empregada vai pra uma casa boa toda noite, de carro, tranquila. Você não deixa ela morar na tal favela,

---

<sup>4</sup> Luciano Pizzato é engenheiro florestal, especialista em direito socioambiental e empresário, diretor de Parques Nacionais e Reservas do IBDF/IBAMA 88/89, deputado desde 1989, detentor do 1º Prêmio Nacional de Ecologia.

ou beira de rio, porque senão te multam ou o homem vai aí mandar você dar casa boa, e um montão de outras coisas. É tudo igual aí, né? Mas agora, eu e a Maria (lembra dela? casei) fazemos a ordenha as 5:30, levamos o leite de carroça até onde era o ponto da Kombi, e a cooperativa pega todo dia, se não chove. Se chove, perco o leite e dou pros porcos. Até que o Juca fez economia pra nós, pois antes me sobrava só um salário por mês, e agora, eu e Maria temos de sobra dois salários por mês. Melhorou. Os porcos, não. Pois também veio outro homem e disse que a distância da pocilga até o Rio não podia ser 20 metros e tinha que derrubar tudo e fazer a 30 metros. Também tinha que colocar umas coisas pra proteger o Rio. Achei que ele tava certo e disse que ia fazer, e, sozinho, ia demorar uns trinta dias, só que, mesmo assim, ele me multou, e pra pagar, vendi os porcos e a pocilga, fiquei só com as vacas. O promotor disse que, desta vez, por este crime, não vai me prender, e fez eu dar cesta básica pro orfanato.

Ô, Luís, aí, quando vocês sujam o Rio, também pagam multa, né? Agora, a água do poço posso pagar, mas tô preocupado com a água do Rio. Todo ele aqui deve ser como na tua cidade, Luís, protegido, tem mato dos dois lados, as vacas não chegam nele, não tem erosão, a pocilga acabou.... Só que algo tá errado, pois ele fede e a água é preta e já subi o Rio até a divisa da Capital, e ele vem todo sujo e fedendo aí da tua terra. Mas, vocês não fazem isto, né, Luís? Pois, aqui, a multa é grande e dá prisão.

Cortar árvores, então, vige. Tinha uma árvore grande que murchou e ia morrer, então, pedi pra eu tirar, aproveitar a madeira, pois até podia cair em cima da casa. Como ninguém respondeu aí do escritório que fui, pedi na Capital (não tem aqui não), depois de uns 8 meses, quando a árvore morreu e tava apodrecendo, resolvi tirar, e veja, Luís, no outro dia já tinha um fiscal aqui e levei uma multa. Acho que desta vez me prendem.

Tô preocupado, Luís, pois no rádio deu que a nova Lei vai dar multa de R\$ 500,00 a R\$ 20.000,00, por hectare e por dia!, da propriedade que tenha algo errado por aqui. Calculei por R\$ 500,00 e vi que perco o sítio em uma semana. Então, é melhor vender, e ir morar onde todo mundo cuida da ecologia, pois não tem multa aí. Tem luz, carro, comida, rio limpo. Olha, não quero fazer nada errado, só falei das coisas por ter certeza que a Lei é pra todos nós.

E vou morar com você, Luís. Mas, fique tranquilo, vou usar o dinheiro primeiro pra comprar aquela coisa branca, a geladeira, que aqui no sítio eu encho com tudo que produzo na roça, no pomar, com as vaquinhas, e aí na cidade, diz que é fácil, é só abrir e a comida tá lá, prontinha, fresquinha, sem precisar de nós, os criminosos aqui da roça.

Até, Luís.

Ah, desculpe, Luís, não pude mandar a carta com papel reciclado pois não existe por aqui, mas não conte pra ninguém até eu vender o sítio.

Nota: todos os fatos e situações de multas e exigências são baseados em dados verdadeiros. A sátira não visa atenuar responsabilidades, mas alertar o quanto o tratamento ambiental é desigual e discricionário entre o meio rural e o meio urbano.

Aqui, cabe uma breve justificativa e/ou explicação sobre a escolha (acolhimento) destes textos. São textos com diferentes abordagens e reflexões tratando sobre as temáticas de conflitos, estabelecidas entre linguagens; formas de comunicação; campo/cidade; divisão social do trabalho; preconceito; discriminação; exclusão; segregação sócio espacial; as implicações nas aplicações das leis, etc. Consistem em conteúdos dispostos nas ementas nos diferentes Componentes Curriculares, hora abordados (senão abortados) em sala de aula, de forma segmentados e/ou fragmentados.

Depois das leituras dos textos, ouvimos a música, sobre a qual, depois de ser ouvida, há uma breve reflexão para se estabelecer um silêncio do/no seu significado para cada um/a em nosso cotidiano (conhece? Já ouviu? Se sim, de onde?). Logo em seguida, há a leitura coletiva da letra da música, com reflexões sobre algumas palavras escritas e não “comuns” em nosso jeito/cotidiano de viver.

Posteriormente, realizamos reescritas e/ou desenhos, de forma e manifestação espontânea do significado da “Caneta e a Enxada”, estabelecendo relação com o Curso Técnico em Meio Ambiente, com o que sabem sobre os assuntos a serem trabalhados durante o seu percurso no curso, dentro e fora da sala de aula, bem como uma interlocução com o que “precisa” saber.

Evitamos a infantilização quanto aos desenhos, até porque são adultos com outras concepções de mundo, enquanto escritas e/ou leituras das suas/nossas vivências, o que nos tem permitido romper com determinados aprisionamentos nas aprendizagens.

Para as escritas, procuramos nos embasar no que disse Lavelberg (2008, p. 11): “para não estagnar o desenvolvimento desenhista, é necessário que se trabalhe, nos diferentes contextos educativos, de acordo com as investigações da arte e da educação contemporânea”, pois, de acordo com Lavelberg (2008, p. 28),

Hoje sabemos que não se pode generalizar aquilo que se passa nos desenhos infantis em termos de fases. As variáveis culturais geram modos de pensar o desenho, as quais transcendem um único sistema explicativo que dê conta da produção de todas as crianças. Os estudos antropológicos e interculturais apontam diferenças nos desenhos de crianças de países ou regiões diferentes, seja no modo de usar o papel ou nos símbolos eleitos, denotando influência da cultura visual, educacional e do meio ambiente dos desenhistas.

Assim, de certa forma, respeitar a liberdade de expressão nas/das escritas e nos/dos desenhos continua sendo um enorme desafio, pois, conforme disse Lavelberg (2008, p. 28),

A epistemologia de Piaget, relida contemporaneamente, pode ser um leme neste contexto de variâncias, por colaborar na elucidação das tendências das estruturas cognitivas humanas, aquilo que nos faz iguais e diferentes ao mesmo tempo, pelas marcas culturais. Assim sendo, no plano subjacente das gêneses singulares do desenho, age uma base cognitiva. Esta dupla existência guiou nossa investigação sobre o desenho cultivado da criança até aqui.

Noutro momento, as leituras e as discussões voltam-se para o texto “A carta do Zé Agricultor”, nas tentativas de romper com as amarras dos adestramentos ambientais.

Assim, as palavras e/ou desenhos podem (ou não) proporcionar às pessoas o rompimento de uma ideia, há uma (des)construção de uma práxis e de um poder saber fazer nas relações ambientais; que, de certa forma, a educação não deve(ria) assim ser tratada, enquanto “adestramento ambiental”, conforme destaca Brügger (1994, p. 79),

Adestramento ambiental, da qual se inscreve no paradigma racionalista e produtivista-consumista, pois há um conjunto de sujeitos sociais que vêm buscando alternativas a essa sociedade heterônoma, excludente socialmente e irresponsável ecologicamente.

Quanto aos resultados, consideramos que as experiências vividas foram de grande relevância até agora, principalmente nos resultados das aprendizagens, destacando as possíveis conexões de saberes e fazeres, no entrelaçamento das Instituições envolvidas permitindo-nos dizer que as conquistas e os desafios são palavras na ordem do dia.

Hoje, temos um quantitativo de estudantes, mesmo que pequeno, que nos permita dizer e avaliar a contribuição dos que trabalham na área ambiental, com algumas devolutivas orais por parte dos egressos, dizendo que foi um sucesso da parceria, bem como do que aprenderam durante a realização do curso.

Aqui, vale uma breve consideração de que realizamos, durante quatro dias em junho de 2021, a “Semana do Meio Ambiente<sup>5</sup>”, cujo tema central foi “O meio ambiente em tempos de pandemia”, em que tivemos três palestras com especialistas na área ambiental, representantes do Conselho dos Técnicos de Minas Gerais e o 1º Encontro de Egressos. O evento foi aberto para todos, com convite especial aos estudantes do Curso, havendo uma presença diversificada para cada dia.

Para o 1º Encontro de Egressos, alguns se disponibilizaram a falar (depoimentos) sobre “o que significou fazer o curso, quais foram as contribuições na sua vida pessoal e profissional e o que fazem?”. Houve falas de cinco estudantes, sendo que um deles relatou que, durante o curso, realizou estágio no setor de resíduos sólidos do Hospital da Universidade Federal de Uberlândia. Os demais trabalham em diferentes empresas da iniciativa privada, não especificamente na área ambiental, mas disseram que a sua formação permitiu perceber a importância da educação e da formação profissional técnica e tecnológica, como forma de atuação diante de alguns desafios.

---

<sup>5</sup> A Semana foi composta com a seguinte programação: “Conferência de abertura: A saúde Ambiental nas cidades em tempos de pandemia; seguidas das palestras: “O meio ambiente em tempos de pandemia”, o “Conselho Regional Técnico (CRT) e a Atuação do Técnico em Meio Ambiente”; e o “1º Encontro de Egressos do Curso”.

Por isso, comungamos com uma educação libertadora baseada nos princípios da Andragogia de acordo com o que foi apresentado por Martins (2013), isso porque, mesmo que neguemos (e não devemos), o adulto tem pré-disposição para aprender, possui suas experiências/vivências que servem como fonte de aprendizagem pessoal e para a sua vida profissional, as quais, de certa forma, são valorizadas pela metodologia adotada para a realização de atividades, solicitando a participação, a iniciativa e a cooperação para a solução de determinados problemas facilitaram, de certa forma, as aprendizagens. É o que temos tentado, com muitas dificuldades, sem desistências, com resistências, (re)existências por um fazer diferenciado.

## 4 DIALOGANDO, MATUTANDO, AVALIANDO E CONTINUIDADES...

Considera-se que o Curso Técnico em Meio Ambiente na Modalidade PROEJA atende, mesmo que parcialmente, os seus objetivos nos contextos das “conexões de saberes”, porque, nas condições formais, administrativas da parceria e até da academia, em alguns momentos há uma distância do que realmente acontece no cotidiano dentro e fora da sala de aula, o que pode ser normal.

Por isso, em alguns momentos surgem alguns apontamentos, como a visão de que “academia é uma coisa; burocracia é outra”, a qual, em parte, concordamos, em função das devidas articulações, necessárias e importantes, de saberes e de fazeres entre os parceiros e o cotidiano no curso. O grande dilema que ainda vivemos se dá diante do processo de cientificidade atribuído pelo positivismo dado à ciência. Ela se tornou – e é – um instrumento que legitimou – e legitima – processos e arranjos produtivos de racionalidade, bem como a formação técnica, incentivando “falar pouco/menos e fazer mais/muito”, enquanto ideologia de dominação do pensamento e das ações.

Nesse sentido, para romper com essas fragmentações do “falar e do fazer”, há necessidades de diálogos e/ou conexões com o que se pretende e/ou deve ser estudado numa formação profissional na modalidade técnica tecnológica, ainda mais no PROEJA.

Trata-se de compreensões dos conteúdos e das suas correlações entre o “saberes e fazeres”, por exemplo, nas ambientais, perpassam as leis, enquanto “legitimação” de discursos e práticas na/da formação humana, de sujeitos de (e em) formação e constituição históricas.

De certa forma, acreditamos que temos rompido com a ideia de que nada pode ser feito, pois, em termos de resultados, consideramos que as conquistas são e foram de grande valia nas conexões de saberes, tanto internamente à Instituição, quanto relativo às questões externas.

Considerando que o curso tem um anteparo legal entre as Instituições parceiras (UFU/SEE/MG), insistimos em novos rumos de “Conexões de Saberes”, tendo em vista as incertezas e a falta de clareza política, tornando preocupantes os rumos e os desdobramentos do curso.

Trata-se de uma nova mudança de formato, pois, pela falta de clareza política e até acadêmica, os saberes e fazeres poderiam não ter se constituído de forma interinstitucional, transversal e multidisciplinar, não permitindo que os sujeitos fossem autores das suas caminhadas em sinergias e consonâncias com os saberes e fazeres em seus cotidianos. Mas a estrutura proposta permite esse processo de autoria das caminhadas.

Em nossa compreensão, o curso, tal como está posto e proposto, já é um grande feito e feito, merecendo continuar, sendo aperfeiçoado, fortalecido e ampliado. De qualquer forma, como uma Modalidade PROEJA, nosso curso poderá e deverá constituir-se, bem como se instituir, de forma transdisciplinar e multidisciplinar, trabalhando temáticas transversais, desenvolvendo e envolvendo o máximo possível os desejos dos sujeitos, desejanter do seu processo de libertação, isso porque, segundo Freire (1996, p. 23; 2011, p. 95): “quem forma se forma e re-forma ao formar alguém. E quem é formado forma-se (se re-forma) e se forma ao ser formado. Ninguém educa ninguém, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”

Ao comungar com essas proposições, defendemos a importância da formação contínua e permanente, para todos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, em função de se optar por uma educação libertadora dentro de uma práxis dialogada com e para os estudantes, que, de acordo com Carvalho e Pio (2017), citando Freire (2013, p. 100), dizem que “a educação problematizadora implica um constante empenho na desmitificação e no ato de desvelamento da realidade. Ela se faz num esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham”.

Dessa forma, reconhecemos o direito à educação escolar com ações efetivas, principalmente referente à qualidade, dentro da proposição de Resende (1986, p. 11-14), em seu livro “A geografia do aluno trabalhador”: a importância da escola formal para as classes populares; a necessidade de redefinir o conteúdo de nosso ensino e encontrar formas pedagógicas capazes de socializá-lo e a importância de partir, no ato de ensinar, do saber que o aluno traz consigo, de sua história.

Todos estes contextos representam uma luta para romper com as amarras de uma (des)educação que adentra, aliena e corrompe com alguns valores sociais de uma educação propositiva e libertadora, baseada nos princípios do direito de ser educado para além das salas de aula.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei N° 9.795 de 27 de Abril de 1999. Estabelece as diretrizes e bases da Política Nacional de Educação Ambiental.** Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília (DF): Ministério do Meio Ambiente, 1999. Disponível <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm)> Acesso: 15 mar. 2010.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA **Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, DOCUMENTO BASE.** Brasília: Ministério da Educação. 2004. Disponível <[http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/acs\\_proeja.pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/acs_proeja.pdf)> Acesso: 14 nov. 2011.

BRÜGGER, Paula. **Educação ou adestramento ambiental?** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994.

CARVALHO, Sandra Maria Gadelha de; PIO, Paulo Martins. A categoria da práxis em Pedagogia do Oprimido: sentidos e implicações para a educação libertadora. **Revista Brasileira de Estudos**

**Pedagógicos**, 2017. Disponível  
<<https://www.scielo.br/j/rbeped/a/zpsDMKRZvTM3BwNSZLb8Cqp/?lang=pt>> Acesso: 17 dez. 2021.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1995.

FERNÁNDEZ, Alicia. **O saber em jogo**: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento. Tradução: Neusa Kern Hickel. Porto Alegre: Artmed, 2001a.

FERNÁNDEZ, Alicia. **Os idiomas do aprendente**: análise das modalidades ensinantes com família, escolas e meios de comunicação. Tradução: Neusa Kern Hickel. Porto Alegre: Artmed, 2001b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. RJ: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLO, Sívio. Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar. In: ALVES, Nilda; GARCÍA, Regina (Orgs.). **O sentido da escola**. Rio de Janeiro, 1999, p. 17-41.

IAVELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança prática e formação docente**. Porto Alegre: Zouk, 2008.

MARTINS, Rose Mary Kern. Pedagogia e andragogia na construção da educação de jovens e adultos. **Revista de Educação Popular**, v. 12, n. 1. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Pró Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis, 2013, p. 143-153.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (orga.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, 1994.

NOGUEIRA, Dayane; TONUS, Mirna. Fortalecendo as bases teóricas para uma pesquisa sobre educomunicação e meio ambiente. **XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Caxias do Sul, RS, 2-6 set. 2010. Disponível <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0571-1.pdf>>. Acesso: 25 fev. 2011.

RESENDE, Márcia Spyer. **A geografia do aluno trabalhador**. SP: Loyola, 1986.

STUTZ, Beatriz Lemos. **Técnico em enfermagem no município de Uberlândia**: a construção histórica de uma profissão e a primeira instituição escolar. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.